

SOBRE ÉTICA E ARROGÂNCIA NA PSICANÁLISE HOJE

COMENTÁRIOS SOBRE “O CONHECIDO, O DESCONHECIDO E O INCOGNOSCÍVEL” (JULIO FROCHTENGARTEN)¹

Martha Prada e Silva,² São Paulo

mpradas2009@hotmail.com

Sem dúvida, a primeira leitura foi um deleite. O trabalho tem a consistência característica das produções de Julio, traz sua maneira tranquila e clara de apresentar as ideias que lhe são próprias. Mas em seguida ao prazer de seguir as questões que levanta, os pensamentos que formula, as fontes que o inspiram, defrontei-me com a dificuldade de reconhecer um fio interno que ligasse o trabalho ao tema proposto: Ética e Arrogância. Ele não usa a palavra arrogância em nenhum momento, e tampouco faz referência explícita ao seu conceito em psicanálise. Da mesma maneira, não há um *discurso* sobre ética. Eu diria que *seu empenho está em transmitir, não em comunicar*. Transmitir o que o mobiliza, o que ele faz, e quais as referências balizadoras de suas experiências em áreas primitivas da mente. Na verdade, essa compreensão só me foi vindo aos poucos, em sucessivas leituras, conforme fui percebendo que minha dificuldade se prendia à minha expectativa prévia baseada no título da reunião. Uma importante declaração dele me ajudou a me desembaraçar da minha previsão, a declaração de que a experiência o levou a constatar uma diferença de alcance, traduzida em riqueza e variedade de relações, quando afina seus instrumentos de trabalho pela “dimensão desconhecida, infinita e imprevisível da mente” (p. 68). Compreendi melhor que a exploração e o desenvolvimento que Julio dá ao tema proposto se incluía nesse imprevisível. E que ele se aplica em encontrar formas de *transmitir* o que vive. Destaco também como importante que, ao dar uma forma escrita a suas experiências e pensamentos, ele se dirige a psicanalistas e a si próprio, um público muito específico. Entendo, com base nesses elementos que juntei, que *a ética de Julio como psicanalista nos é oferecida no seu pensar e no seu agir*. Como a ética emana de um encontro silencioso e profundo consigo mesmo, e como inevitavelmente se deturpa em prol das demandas advindas de nossas inserções sociais, eu acho que ele encontrou uma maneira efetiva de transmiti-la ao se manter muito próximo de si mesmo em tudo que nos traz. O tempo todo ele

1 Trabalho apresentado em reunião das Quartas Científicas da SBPSP em 13/9/2023 sob o título Ética e Arrogância.

2 Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

mantém o diálogo conosco e com as presenças que o animam por dentro. De forma que a extensão de sua ética para o campo de suas inserções societárias preserva a ligação com a fonte interna sem maiores distorções.

Sendo assim, me parece que o que está proposto é uma discussão de alta exigência sobre a possibilidade de a arrogância se infiltrar no pensamento do psicanalista e direcionar seu trabalho, com prejuízo da ética própria à psicanálise, uma ética de *receptividade* ao desconhecido e *submissão* ao infinito da experiência. A meu ver, Julio trata disso ao longo de todo o trabalho e mantém sua discussão de ética e arrogância no nível atual de exigência a que o próprio desenvolvimento do conhecimento nos levou, muito bem expresso na citação que traz de Paul Valéry: “Qualquer que seja ele, um pensamento que se fixe assume as características de uma hipnose e torna-se, na linguagem lógica, um ídolo; no domínio da construção poética e da arte, uma infrutífera monotonia” (p. 67).

O campo que ele explora é aquele “que se estende para além do consciente e do inconsciente reprimido e das estruturas id-ego-superego” (p. 66). Um campo cuja exploração foi se fazendo na medida em que a prática e o pensamento psicanalíticos conceberam novos modelos de mente e de trabalho que fossem mais funcionais para abordar uma realidade mental pouco ou nada conhecida. Aqui, como sempre e mais uma vez, o espírito humano se confronta com a aporia a ser vivida e jamais resolvida entre a tendência de acomodar-se no conhecimento que já dominou e o irreprimível impulso de avanço que o próprio conhecimento conquistado faz adentrar no campo de suas cogitações.

No campo que Julio explora não são poucas as dificuldades que se apresentam: como *permanecer* num domínio que não oferece acomodação no que já se sabe? Como *se movimentar* nele sem se desgarrar do vértice psicanalítico? Como encontrar uma maneira bem-sucedida de *transmitir* o que ali vive?

Dou destaque à discussão que ele introduz quanto ao limite do alcance do instrumento *interpretação* quando a prática passa a se orientar por uma noção de inconsciente como infinito, e por um modelo de psiquismo que abriga múltiplas dimensões em funcionamento concomitante. O exercício da clínica nos abre a compreensão de que trabalhamos num campo em contínua expansão e salienta a necessidade de *observar* o que está se passando, trazendo em corolário a necessidade de “desenvolver e caracterizar” um *novo instrumento* que seja adequado para a exploração “do que é passível de ser observado em psicanálise” (p. 68). Ele propõe como novo instrumento “uma *atitude* que seja receptiva – ou até mesmo favoreça – que possa fazer brotar na sessão, no

trabalho a dois, o que ainda não se conhece e que ‘urge por existir’” (p. 69). Esta discussão segue até o final e para mim ela é o cerne desse trabalho.

Como *modelo* da atitude receptiva ao desconhecido, ele propõe a *flânerie*, esse mero passear, sem escolha de rumo, em meio à multidão da grande cidade, e o ilustra com dois contos, um de Edgar Allan Poe e o outro de Virginia Woolf. Excelente o modelo, magníficas as ilustrações! Os contos se assemelham quanto a ambos focalizarem a variedade de estados que passeiam pela mente do *flâneur* entregue à observação das pessoas com que cruza na multidão das ruas. Mas são diferentes num aspecto importante, que diz respeito justamente à *atitude* do observador/*flâneur*.

O conto de Poe esclarece que o apetite mental peculiar em que se encontra o personagem está ligado ao estado de convalescença de uma enfermidade recente. A *flânerie* a que se entrega traz rente aos calcanhares a sombra de um adoecimento. O protagonista de Poe vive o transe de uma passagem, entre uma “doença/arrogância” do espírito, e a sofrida constatação de seu fracasso. Ele traz ainda consigo a crença numa investigação que tem poder de decifrar o que vai no coração do homem. No primeiro tempo, instalado em sua janela de um bar, tomado de arrogante condescendência, entrega-se a catalogar as pessoas por classes, compraz-se em manipular seu próprio pensamento de forma que faça encaixar um total desconhecido nas classificações que conhece e domina, ao mesmo tempo que a atração pelo desconhecido age com força suficiente para desalojá-lo de sua zona de conforto. Este conto data de 1840, participa portanto de um movimento geral de transição de uma mentalidade cujas formas estabelecidas tornaram-se por demais rígidas para atender os anseios estéticos e inspiracionais da modernidade. As obras desse período refletem a passagem em curso. Elas me despertam especial interesse, pois como analistas trabalhamos sempre nas constantes transições entre o caos e alguma organização mental emergente. Em nosso caso, a qualidade da obra emergente depende de que o caos, matriz original, possa ser a fonte de nascimentos e renascimentos criativos. Julio trouxe sua visão sobre isso.

Poe nos põe a acompanhar esse convalescente numa extenuante perseguição do objetivo de domínio pelo conhecimento. A arte de Poe nos leva a sofrer junto com o personagem a esterilidade dessa ambição. Ao final do conto estamos tão aborrecidos e exaustos quanto o protagonista, cujo espírito finalmente se abre e concebe com alívio que talvez seja melhor que “o coração do homem não se deixe ler”. Um colega com quem eu conversava sobre esse conto me fez ver que a balança entre o domínio sobre o outro e a abertura a seu insondável mistério oscila até o final do conto: “Esse velho, disse comigo

por fim, é o tipo e o gênio do crime profundo ... Será escusado segui-lo: nada mais saberei a seu respeito ou a respeito de seus atos”.

Já a personagem de Woolf nasce dentro de outra época, ela vive a realidade da metrópole de 1927, movimenta-se com liberdade e gosto em *exercícios imaginativos*, transformações pessoais de um Conhecimento em maiúscula que sabe inatingível. Ela está mais livre para se entregar à corrente de sonhos que lhe ocorrem e pode atribuir sonhos, e não definições, aos passantes que cruzam seu caminho. O objetivo de comprar um lápis, aparentemente um frágil pretexto, não é tão frágil nem tão desnecessário, porquanto funciona como ponto de contato sutil com a realidade, apenas o suficiente para não atrapalhar a atividade imaginativa da *flâneuse*. Ela se entrega aos movimentos ondulatórios da cidade, mas conta com uma moradia própria da qual saiu e para a qual retorna com o alívio de reencontrar um mundo tal qual o deixou ao sair para a aventura das ruas. Forte contraste com o homem de Poe que, quanto mais se aprisiona na perseguição ao conhecimento, mais se desgarra em deambulações estéreis.

E se tomarmos os dois contos em conjunto? Parece-me que juntos eles compõem um modelo mais próximo daquilo que Julio procura transmitir de seu contato com o desconhecido, infinito e imprevisível da mente. O conto de Poe ilustra a situação mental de arrogância, sua paisagem é árida, persecutória e desprovida de sonhos. Nessas paragens, o pavor da queda no desamparo se equivale ao pavor da relação humana devoradora, o espírito sobrevive agarrado a concretudes. Já a *flâneuse* do conto de Woolf se mantém em situação de passeio, seu clima mental é propício a sonhos e fantasias criativas. O risco que o conto de Woolf poderia induzir estaria em deixar-nos levar pela leveza e a beleza do conto à uma concepção equivocada da *flânerie* como uma atividade muito simples e fácil. Mas isso fica devidamente contrabalançado pela angústia inequívoca que poreja do conto de Poe no qual o homem vive o transe de renunciar à posse do conhecimento e ainda mal alcança o estado mental de se deixar ir ao sabor da corrente. O ponto decisivo para a não degeneração do modelo da *flânerie* como o da *atitude* do analista parece-me depender da capacidade deste em se entregar ao movimento flutuante da multidão, mas *não se deixar prender à intensidade dos apelos sensoriais*, sendo justamente por aí, por continuamente ceder aos apelos sensoriais, que o personagem de Poe se perde. Não se deixar prender ao sensorial não porque ignore o apelo, mas por disciplina necessária a quem visa aquilo que não se revelou, ou seja, orientado por uma ética cujo alicerce está no método psicanalítico.